



# **CONGRESSO** **DA** **ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE** **DOS POVOS DA ÁFRICA E ÁSIA—OSPAA**

DISCURSO DO CAMARADA PRESIDENTE DO MPLA E DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA, POR OCASIÃO DA ABERTURA DA CONFERÊNCIA EXTRAORDINÁRIA DE SOLIDARIEDADE COM ANGOLA ORGANIZADA PELA OSPAA (ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE DOS POVOS AFRO-ASIÁTICOS)

DISCOURS DU CAMARADE PRÉSIDENT DU MPLA ET DE LA RÉPUBLIQUE POPULAIRE DE L'ANGOLA À L'OCCASION DE L'OUVERTURE DE LA CONFÉRENCE EXTRAORDINAIRE DE SOLIDARITÉ ENVERS L'ANGOLA ORGANISÉE PAR L'OSPAA (ORGANISATION DE SOLIDARITÉ DES PEUPLES AFRO-ASIATIQUES)

SPEECH DELIVERED BY DR. AGOSTINHO NETO PRESIDENT OF THE MPLA AND OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF ANGOLA AT THE OPENING SESSION OF THE EMERGENCY CONFERENCE IN SOLIDARITY WITH ANGOLA ORGANIZED BY THE AAPSO (AFRO-ASIAN PEOPLES SOLIDARITY ORGANIZATION)



LUCIO LARA



REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

# CONGRESSO DA ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE DOS POVOS DA ÁFRICA E ÁSIA—OSPAA

DISCURSO DO CAMARADA PRESIDENTE DO MPLA E DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA, POR OCASIÃO DA ABERTURA DA CONFERÊNCIA EXTRAORDINÁRIA DE SOLIDARIEDADE COM ANGOLA ORGANIZADA PELA OSPAA (ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE DOS POVOS AFRO-ASIÁTICOS)

DISCOURS DU CAMARADE PRÉSIDENT DU MPLA ET DE LA RÉPUBLIQUE POPULAIRE DE L'ANGOLA À L'OCCASION DE L'OUVERTURE DE LA CONFÉRENCE EXTRAORDINAIRE DE SOLIDARITÉ ENVERS L'ANGOLA ORGANISÉE PAR L'OSPAA (ORGANISATION DE SOLIDARITÉ DES PEUPLES AFRO-ASIATIQUES)

SPEECH DELIVERED BY DR. AGOSTINHO NETO PRESIDENT OF THE MPLA AND OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF ANGOLA AT THE OPENING SESSION OF THE EMERGENCY CONFERENCE IN SOLIDARITY WITH ANGOLA ORGANIZED BY THE AAPSO (AFRO-ASIAN PEOPLES SOLIDARITY ORGANIZATION)

Edição do Ministério da Informação



IMPRESA NACIONAL DE ANGOLA

# CONGRESSO DA ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE DOS POVOS DA ÁFRICA E ÁSIA-ORIENTAL

Este livro contém o texto da Declaração de Luanda, aprovada no Congresso da Organização de Solidariedade dos Povos da África e Ásia-Oriental, realizado em Luanda, Angola, em 1976.

O Congresso reuniu representantes de mais de 100 povos da África e Ásia-Oriental, reunidos em Luanda, Angola, em 1976, para discutir a situação da África e Ásia-Oriental e a luta pela libertação e desenvolvimento desses continentes.

O Congresso aprovou a Declaração de Luanda, que afirma a necessidade de uma luta comum pela libertação e desenvolvimento da África e Ásia-Oriental, e pela criação de uma nova ordem internacional baseada na justiça e na equidade.

IMPRESA NACIONAL  
DE ANGOLA  
O.E. 585 — 5000 ex.  
LUANDA — 1976







**ANTÓNIO AGOSTINHO NETO**

**Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola  
e da República Popular de Angola**

CAMARADA

DISCURSO DO CAMARADA PRESIDENTE DO MPLA E  
DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA, POR OCASIÃO  
DA ABERTURA DA CONFERÊNCIA EXTRAORDINÁRIA  
DE SOLIDARIEDADE COM ANGOLA ORGANIZADA PELA  
OSPAA (ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE DOS POVOS  
AFRO-ASIÁTICOS)



## CAMARADAS

Tenho a grande honra de saudar, no nome do povo angolano, todos os distintos delegados a esta Conferência de Solidariedade que, oportunamente se realiza na capital de Angola.

Sejam bem-vindos a Luanda.

A honra que nos cabe, é grande e tão grande como a generosidade de cada um dos delegados que não se têm furtado a sacrifícios, para que os povos da Ásia e da África encontrem na Independência, a liberdade, a dignidade e as condições sócio-políticas propícias ao seu progresso material.

Durante longos anos e com todas as organizações de solidariedade, caminhamos juntos em busca das transformações políticas que deverão trazer a completa liberdade aos continentes africano e asiático.

Podemos hoje dizer que esta Conferência é a conclusão vitoriosa de mais um capítulo de luta em que cada um de nós esteve envolvido para Independência de Angola o que se sucedeu a 11 de Novembro de 1975.

Esta é pois camaradas delegados e convidados, a conclusão feliz de mais uma vossa acção, de uma nossa acção, pela libertação de Angola.

As condições para esta Conferência foram criadas por todos nós. É pois a nossa Conferência de solidariedade.

O Povo Angolano, particularmente a população de Luanda, que tem este privilégio excepcional de contactar as delegações

estrangeiras, transborda de alegria, exprime com exuberância o seu entusiasmo, ao ver os seus amigos aqui, nesta cidade de Luanda, ao sentir junto de si aqueles aliados constantes e fiéis, que nunca se afastaram da ideia da luta pela conquista da liberdade para o nosso País, ao sentir o calor da amizade.

É em nome do Povo Angolano que agradeço aos camaradas delegados e convidados, a vossa vinda a esta capital de Angola que é uma cidade da África, a capital africana mais recentemente arrancada ao domínio colonialista.

Podemos hoje realizar esta Conferência em Luanda, graças a acção heróica e revolucionária do Povo, dos camponeses, operários, estudantes, funcionários públicos, proprietários, de todos os patriotas, sem distinção de classe, raça, sexo ou ideologia; graças à acção das FAPLA que com orgulho continua o combate armado, graças à acção de todos os que, com coragem, enfrentaram o inimigo colonialista, com armas na mão, até a sua completa derrota.

A nossa primeira guerra de libertação nacional possibilitou esta reunião em que vamos estreitar os laços de amizade e de cooperação fraternal.

Esta Conferência realiza-se em Luanda, depois de várias outras reunidas em capitais africanas e asiáticas. Podemos recordar aqui as jornadas de Roma, do Cairo, de Khartum, de Nova Deli, Bruxelas, Dar-Es-Salaam, Brazaville, etc., e mais recentemente Aden. As manifestações concretas de solidariedade, foram sempre um factor positivo, catalizador e revolucionário, moralizante, transformando a corrente libertadora Nacional, em corrente Mundial pelo Progresso.

As reuniões internacionais de solidariedade contribuíram enormemente para a nossa vitória sobre o colonialismo português.

Estes actos de solidariedade, prepararam as condições para que não faltassem armas, alimentação, roupa, calçado ou outros materiais essenciais aos combatentes. Eles preparam o terreno diplomático para tornar conhecido e aumentar o prestígio no plano internacional, da vanguarda revolucionária do Povo Angolano — o MPLA.



A Solidariedade Afro-Asiática sempre foi, portanto um factor essencial para a libertação.

As condições foram criadas, pela luta do Povo Angolano, pela solidariedade internacional, para que Luanda seja honrada com a visita de velhos amigos, companheiros da luta e autores permanentes de uma revolução que continua, até à libertação completa do Homem.

## EIS A NOSSA VITÓRIA!

Para que os marcos históricos ultrapassados estejam constantemente na memória de todos, permitam-me que relembre aqui a solidariedade concreta que existiu durante a luta anti-colonial, entre a FRELIMO, o MLSTP, o PAIGC e o MPLA congregados na Conferência CONCP — a unidade mantida ao longo dos anos, desde a gestação de cada um dos partidos até à vitória.

Para essa unidade de acção, contribuiu o talento revolucionário de Amílcar Cabral, o arquitecto capaz da revolução guineense e caboverdiana, assassinado pelos agentes dos criminosos colonialistas, em 20 de Janeiro de 1973. Contribuiu ainda a vivacidade e a clara percepção dos fenómenos, de Eduardo Mondlane, também assassinado por causa do seu amor a liberdade do Povo Moçambicano, a 3 de Fevereiro de 1967.

Têm ainda contribuído para esta união na luta, os dirigentes das actuais jovens Repúblicas Africanas e não há dúvida que em virtude dessa solidariedade, a África respira um ar novo de progresso e de espírito revolucionário que esperamos se desenvolva para acabar para sempre a exploração, a dominação e a alienação do homem africano.

Estamos certos de que os êxitos comuns do passado servirão de base para a obtenção de novos êxitos no presente, adentro, do quadro africano.

Os movimentos de libertação das áreas dominadas pelos racistas connosco cooperavam intensamente nas tarefas da libertação. Assim, o ANC da África do Sul, os movimentos de libertação do Zimbabwe, da Namíbia, das Ilhas Comores ou da Costa da Somália, deram sempre um vigoroso apoio ao MPLA que condensou em si, as maiores aspirações do Povo Angolano.

Uma das provas mais eloquentes de solidariedade tem sido a dos países progressistas da África, graças a uma identidade de princípios a uma compreensão durante os anos de combate.

Teria sido muito difícil a vitória sobre os colonialistas portugueses, se não existisse o campo Socialista. Ele foi sempre a principal fonte material para a nossa luta.

Como hoje, no passado também os países capitalistas da Europa e da América, consideravam o MPLA perigoso para os seus interesses na África Austral. De facto, o MPLA foi o único inimigo real do colonialismo português em Angola.

O imperialismo manobrou, para sabotar a nossa Independência, para dividir o País, tentando a cada instante desorganizar o MPLA pela infiltração de agentes, por tentativas de corrupção, por tentativas de eliminação física. Embora dotado de coerência na sua actividade reaccionária, apesar do seu dinamismo, o imperialismo não teve, nem poderia ter sucesso no seu desejo de instaurar um regime neo-colonial em Angola; falhou ao apoiar o colonialismo português e falhará mais uma vez ao apoiar os seus fantoches porque ele não compreende, nem pode compreender o sentido do fluxo da História.

Essas derrotas do imperialismo devem-se em grande medida à ajuda fraternal e generosa concedida ao longo dos anos de luta pelos países Socialistas que, com dinamismo, com verdadeiro espírito internacionalista, nos facilitaram os meios para a luta. Os países Socialistas, nossos aliados no combate contra a dominação colonial e neo-colonial, foram e são o principal apoio material à nossa luta.

Nos próprios países capitalistas da Europa e da América, os respectivos povos sempre se pronunciaram em favor da Independência dos Povos colonizados e através de grupos de apoio e de solidariedade, a expressão humana de unidade revolucionária, foi sentida a cada passo. No plano moral, político e material, essa solidariedade tornou-se actualmente num instrumento indispensável para a libertação.

Toda esta acção, foi coordenada no plano da OSPAA pelo seu Secretariado, à frente do qual se encontra desde há longos anos o nosso querido amigo Yousself-El-Sebai.



Através das tomadas de posição, de Conferências, Encontros, Seminários, o Secretariado da OSPAA dinamizou toda uma acção nos países africanos e asiáticos, no sentido de apoiar a justa luta dos povos.

O MPLA, enquanto ainda fazia a luta armada pela Independência Nacional, foi admitido como membro do Secretariado da OSPAA e tivemos assim a oportunidade de trabalhar em conjunto com os actuais representantes do Secretariado.

Angola é portanto e através do MPLA, membro do Secretariado da OSPAA e continuará a sê-lo, ficando a nossa representação na Organização dependente apenas do aperfeiçoamento do trabalho das Relações Exteriores.

A grande família revolucionária encontra-se finalmente em Luanda.

Sejam bem-vindos camaradas.

Sejam bem-vindos os representantes da CONCP.

Sejam bem-vindos os representantes dos países Socialistas.

Sejam bem-vindos os representantes dos Comitês de Solidariedade de todo o mundo.

É certo que o nosso país ainda tem de defender a sua integridade territorial. Ainda tem de se bater por uma perfeita unidade Nacional. Tem de construir a sua economia e afirmar-se culturalmente.

Dentro de alguns dias faremos três meses de idade, e os colonialistas portugueses deixaram-nos como herança, a invasão do nosso território a Norte pelo exército regular zaireense, a coberto da fante FNLA e a Sul, pelo exército regular Sul-Africano, acompanhando os fantoches da UNITA. Os colonialistas portugueses, que estiveram aqui até 10 de Novembro de 1975 sempre esperaram que Luanda fosse capturada pelos nossos inimigos antes de proclamarmos a Independência. As suas esperanças não se realizaram porém. O Povo Angolano não o permitiu.

Legaram-nos como herança uma situação económica caótica. Propositadamente destruíram maquinaria e instalações, tornando difícil o arranque da reconstrução nacional. Esta herança os colonialistas portugueses deixaram-na depois de cinco séculos de escla-



vidão, de discriminação e de obscurantismo, em que não foi possível formar técnicos e homens capazes para o funcionamento e o controle de cada um dos sectores da vida nacional.

Esta herança constitui mais um crime a juntar a tantos outros praticados em solo angolano, crime que a memória do povo Angolano reterá ao longo dos tempos. Só a firmeza revolucionária do povo angolano apoiada pelos seus aliados e amigos determinou a retirada dos colonialistas ajudados pelo imperialismo internacional. São esses factores que permitirão a reconstrução e o desenvolvimento do nosso País.

A África viu-se livre do colonialismo português ao sair de Angola o seu último soldado. Neste processo, não só se assiste a libertação dos povos secularmente oprimidos como também a nova atitude contra as tentativas da neo-colonização. A corrente progressista cresce e torna-se cada vez mais difícil ao imperialismo, conseguir docilidade por parte dos Povos da África. O carácter revolucionário da luta armada desenvolvida durante mais de uma dezena de anos, temperou os povos para se manterem numa atitude anti-imperialista.

O Povo angolano, mantém-se firme na defesa intransigente da Independência. Foi nestes termos que definimos o conteúdo da nossa independência.

Unindo o povo numa frente única anti-colonialista e anti-imperialista, damos passos para consolidar a independência de modo a mobilizar para o combate todas as classes sociais patrióticas, todos os homens e mulheres no País sem distinção de cor, crença ou tendência política.

A larga frente anti-imperialista que é o MPLA é base sobre a qual se apoia toda a estrutura da República Popular de Angola. É sobre os princípios revolucionários do MPLA que se constrói o edifício desta República.

Continuamos a luta, desta vez contra o imperialismo e os seus lacaios e pela reconstrução nacional.

Fizemos naturalmente certas opções para a vida da Nação e obrigamo-nos a organizar o Poder Popular, ao reconhecer

a verdade histórica revolucionária, que não pode haver Independência, nem democracia, sem a participação activa no Poder dos operários e camponeses — as classes mais exploradas durante o colonialismo.

Julgamos pois necessário que no *post*-Independência, os operários e camponeses tenham voz preponderante na Nação.

A aplicação prática deste princípio não será fácil num terreno em que os problemas de toda ordem se imbricam. Mas estamos firmemente convencidos que dentro de um tempo mais ou menos curto, poderemos ver constituída a Assembleia do Povo com elevadas funções legislativas, e composta por uma maioria de operários e camponeses de todas as Províncias. Essa Assembleia do Povo definirá a orientação para o nosso País. A capacidade revolucionária do povo e as lições a tirar da nossa experiência e da experiência dos outros Povos permitirão adoptar as medidas que progressivamente nos conduzirão ao regime de democracia Popular.

O factor material é a base sobre a qual assenta o progresso político.

É sobre o desenvolvimento agrícola e industrial que se baseará o progresso social e político e se criará uma nova face para a Nação.

Sobre este aspecto devo referir que as ilusões de certos países imperialistas que pensam utilizar o boicote económico pelos países desenvolvidos do Ocidente, como obstáculo intransponível para a jovem Nação angolana; mesmo considerando a vastidão do território, a abundância dos recursos naturais a relativa dependência de Angola do ponto de vista económico por parte de outros países africanos.

Eles esquecem a existência dos nossos aliados, os países Socialistas, como esqueceram em tão pouco tempo as lições do Vietnam e de Cuba.

Com perseverança e realismo que a luta armada concedeu aos combatentes angolanos nós edificaremos a nossa economia de modo a servir os interesses da Nação, colocaremos defesa



a apoiar os princípios orientadores das nossas opções políticas, económicas e ideológicas.

Por outro lado, o Homem que nascerá desta República, beneficiando da instrução e assistência médica gratuita, terá de reviver em termos latos a cultura angolana, para que o Património da África se enriqueça com as suas várias e brilhantes formas de expressão.

Realizaremos a verdadeira Democracia tendo em consideração a nossa realidade concreta.

Quando expomos as nossas opções, o inimigo (e por inimigo quero dizer aqueles que desejariam liquidar Angola) classificam-nos de determinada maneira.

Devemos dizer que não será por isso que deixaremos de ser o que somos, nem por isso deixaremos de dizer o que somos. Sempre tivemos um programa claro, sempre nos definimos abertamente como progressistas certos do que fazendo-o apenas estamos a interpretar o desejo de um Povo consciente dos seus objectivos revolucionários, conscientes das vias a seguir para realizar as suas mais profundas aspirações.

Nós acreditamos no princípio de cada Povo ter o direito de definir a sua vida e escolher o regime que deseja.

Nós amamos profundamente a Independência e a Democracia que o nosso Povo quer.

Realizando os objectivos da Independência e Democracia, desejados pelo Povo Angolano, instaurando o Poder Popular e orientando-nos para a constituição de uma Sociedade Socialista o MPLA e os órgãos dirigentes da República Popular de Angola constituem-se no legítimo e único representante do nosso povo.

Não compreendemos as incongruências da política africana.

Na última reunião da OUA houve uma vitória nítida de corrente progressista Africano.

Apesar de todas as tentativas de intimidação e de corrupção pelos agentes do imperialismo, os progressistas africanos mos-



traram claramente a defesa de alguns princípios fundamentais da Organização tais como a condenação do *apartheid* e do expansionismo da África do Sul, a condenação dos fantoches angolanos reunidos na FNLA e na UNITA.

Esta corrente confrontou-se com outra que esqueceu as declarações e compromissos assumidos no passado, aliando-se mais ou menos claramente à África do Sul, aceitando a ocupação da Namíbia, aceitando que a Namíbia fosse utilizada como base para atacar Angola.

Não foi de modo algum honroso para o nosso continente, a hesitação em condenar o agressor racista. E mesmo a incapacidade de definir o inimigo.

Claro que a corrente progressista, modificou os hábitos conciliadores da OUA, para introduzir um novo comportamento. Não é possível o compromisso quando o inimigo se instala no nosso território. Não é possível esquecer os engajamentos fundamentais numa situação semelhante. A posição da República Popular de Angola na África e no mundo consolida-se e o processo torna-se irreversível também no plano internacional, pela coesão das forças progressistas africanas.

Porque só se pode compreender a unidade africana, desde que ela se faça à base de princípios justos.

E dentro da OUA, para que haja coerência é preciso que ela se faça realmente em torno dos problemas da libertação do neo-colonialismo, do expansionismo racista e do imperialismo.

Porque os racistas sul-africanos, são inimigos da África e dos seus povos. Praticando a opressão e a discriminação de cerca de 20 milhões de africanos, a minoria branca não pode de maneira nenhuma colaborar com outros africanos, a não ser para os explorar.

E é imoral que os Africanos, façam alianças ou se mantenham neutrais diante este problema.

É criminoso que africanos se encontrem nas mesmas trincheiras políticas com a minoria sul-africana contra a Namíbia e contra Angola.

É criminoso não condenar os fantoches angolanos ao serviço da minoria racista ou do imperialismo.

A única atitude digna é combater energicamente contra as tendências expansionistas dos racistas.

Mas há mais incoerência por parte dos reaccionários como é natural. Numa atitude lamentavelmente paternalista, pretenderam eles dizer ao povo angolano o tipo de governo que nos convém. Vários países, repetindo um *slogan* do imperialismo insistem em pressionar a opinião estrangeira e nacional no sentido de se formar em Angola um governo de coligação. Este é mais um sinal da sua capitulação ao imperialismo. Considera-se esses países, comandados pelo imperialismo com direito de vir dizer ao Povo angolano as soluções que mais lhes convém a e's, ou melhor as que convém ao imperialismo, quando muitos deles nos seus próprios países não são capazes de sobreviver senão com os balões de oxigénio dos imperialistas, porque os governos não são desejados pelos respectivos povos.

Quero declarar aqui, diante dos estimados delegados e convidados que nós os angolanos, sabemos o que queremos e os paternalistas africanos devem resignar-se a cooperar connosco, dentro do respeito da nossa Independência e das nossas opções. E quanto ao governo, quanto ao regime em Angola, só o nosso povo pode dizer o que lhe convém.

Quanto aos sul-africanos, que já conhecem a nossa determinação de não permitir a ocupação do território nacional por nenhuma força estrangeira, esperamos que não hesitem a retirar-se completamente do nosso território. Não toleramos nenhum estrangeiro que queira manter-se à força no nosso território. Sejam quais forem os sacrifícios exigidos, o nosso Povo escorraçará qualquer invasor.

Quanto àquilo que chamam os seus interesses que dizem pretender defender, o nosso Povo não os conhece. Temos um território vasto e rico em recursos onde existem companhias estrangeiras em funcionamento. É possível que nessas companhias haja participação sul-africana. Temos de o verificar. É possível que os colonialistas portugueses tenham introduzido no nosso País os tais interesses sul-africanos. Mas pretender defender interesses



violando fronteiras, ocupando o território nacional, ignorando o Governo legítimo do país onde estariam esses interesses é procedimento de *gangsters*.

Se houvesse interesses confessáveis, é certo que a minoria racista não hesitaria, com o seu descaramento habitual, em dirigir-se ao Governo legítimo de Angola.

Saibam os racistas que o Poder político não nos foi oferecido pelos colonialistas portugueses, seus antigos aliados. Tivemos de arrancá-lo à custa do nosso sacrifício. E por isso não temos em nosso poder nenhum registo do activo e passivo, resultante de compromissos entre colonialistas e racistas.

Os sul-africanos não têm senão que retirar-se do nosso território e com eles os seus fantoches. Não têm que pretextar interesses para ocupar a nossa Terra.

De igual modo, e antes mesmo de termos acordado num cessar fogo com o governo Colonialista Português, um país africano, o Zaire infiltrou os elementos do seu exército regular para apoiar a FNLA na sua pretensão hegemónica em Angola.

Algumas derrotas significativas, já o devem ter convencido da inutilidade da sua guerra. Sem apoio Popular, o regime zairense teme o contágio da orientação democrática de Angola. Mas quer aberturas fáceis para o mar. Quer os produtos angolanos para enriquecer os seus mercados. Quereria enfim, transformar Angola numa dependência do Zaire e submeter o povo angolano ao imperialismo americano.

O Zaire tem todo o interesse em estabelecer relações de cooperação amigável com o Governo da República Popular de Angola. O nosso País apreciaria o estabelecimento de relações normais com a República vizinha. Mas para isso é absolutamente necessário que se retire da guerra contra o nosso povo. É absolutamente necessário que não tente interferir na nossa vida política. Os Povos angolano e zairense, podem conviver sem guerra desde que cada um seja livre para escolher o seu destino e todas as relações sejam baseadas no respeito mútuo. Os outros vizinhos, não têm mais que respeitar o tipo de vida que o nosso Povo entende estabelecer no País para que se estabeleçam relações normais, como dentro de algumas horas formalizaremos com a República Popular do Congo.



Os princípios enunciados são bases do convívio internacional que nós respeitaremos.

Permitam-me, Camaradas, que sublinhe um outro aspecto do nosso problema nacional.

Conforme já dissemos anteriormente, nós recebemos a ajuda fraternal de países aliados e amigos, de organizações e até de personalidades progressistas de todo o mundo.

Receber ou não receber ajuda de outros países, estabelecer ou não relações de cooperação com outros países e organizações é uma prerrogativa de cada Estado Soberano. E nós, a República Popular de Angola, de acordo com a situação que vivemos, temos recorrido aos aliados e amigos, para que ajudem a resolver os nossos problemas.

Pois alguns países que se julgam donos do mundo e do destino dos homens, reagem às decisões de um país independente e soberano.

Exactamente aqueles países que durante a primeira guerra de libertação contra o colonialismo português, auxiliaram os colonialistas, são eles que invadem o nosso País, fornecem armamento aos fantoches, recrutam mercenários; o que demonstra o seu desejo de continuar a dominar-nos pela força.

São os Governos dos Estados Unidos da América da minoria racista da África do Sul, de certos países da Europa Ocidental que se agitam por causa da independência de Angola.

O seu sistema de exploração dos Povos dos outros países não permite compreender a necessidade de liberdade para cada um.

A sua oposição ao campo Socialista, onde se extinguiu a exploração do homem pelo homem, fê-lo tremer de medo, por pensar que em Angola, o Povo independente possa também ser área inacessível para a satisfação da sua desmesurada ânsia de lucro, de riqueza fácil à custa do povo angolano.

Nas nossas relações com os países socialistas nós temos uma boa experiência. Nunca nos foi imposta uma orientação ideológica.

Nunca foi imposta nenhuma compensação de carácter material pela ajuda que recebemos. Nunca os vimos a colaborar com os nossos inimigos. Nunca pretenderam impor-nos governos ou soluções. Eles respeitam o nosso Povo. E agora, começam a estabelecer-se as bases para uma cooperação a todos os níveis, dentro do respeito dos princípios que orientam as relações internacionais.

Aproveito esta ocasião para agradecer, em nome do Povo angolano, os Países Socialistas que têm dado provas de solidariedade internacionalista sem limites.

Nós agradecemos a União Soviética, agradecemos a Jugoslávia, agradecemos Cuba, Bulgária, Alemanha Democrática, Roménia, Polónia, Hungria, Checoslováquia, Coreia, Vietnam e a Mongólia. Agradecemos a ajuda moral, política, militar e técnica que desinteressadamente nos tem sido concedida para conquista da nossa independência completa, para a defesa da nossa integridade territorial e para a reconstrução do nosso País.

Lamentamos apenas que um país Socialista se encontra ainda na mesma trincheira com o inimigo, numa associação *contra-natura* com sul-africanos, americanos e seus fantoches.

Estendemos evidentemente os nossos agradecimentos aos países africanos, às organizações de apoio e solidariedade que apoiam a justa luta do nosso povo.

Exprimimos a nossa mais profunda gratidão nos diferentes comités de apoio que, na Itália, na Holanda, Portugal, na Suécia e em outros países da Europa se constituíram em comissões para o reconhecimento da República Popular de Angola.

Agradecemos as correntes progressistas e realistas dos Estados Unidos da América que têm contribuído para evitar uma nova aventura criminosa do seu governo.

Os povos da Europa, da África, da América e da Ásia apoiam-nos. Mais tarde ou mais cedo, a nossa República terá a consideração do mundo inteiro.

Esperamos que dentro em breve possamos alongar a lista de países com os quais cooperamos com os dos países desenvolvidos de todos os continentes com os quais estamos prontos a estabelecer relações.



Não temos que prestar contas a ninguém dos nossos actos políticos, excepto ao nosso Povo. E o nosso Povo está decidido a defender este direito conquistado através de anos de luta. Respeitando este desejo, a cooperação é possível.

Reafirmamos a nossa adesão completa à política de não alinhamento. Não temos nenhuma intenção, nem isso nos foi solicitado, de permitir o estabelecimento de bases militares que não sejam estritamente no interesse da nossa defesa nacional. Não temos a menor intenção de nos inscrevermos no contexto dos diferendos entre blocos militares, embora estejamos interessadíssimos na limitação das armas estratégicas, na política de distensão e na criação de um clima de paz e de confiança entre todos os países do mundo.

Devo repeti-lo, nós os angolanos, amamos a independência, amamos a Democracia que nos foram roubadas durante o colonialismo. Nem uma coisa nem outra seriam possíveis se aceitássemos um seguidismo cego à política de outros países. Estamos conscientes disso.

Não devem existir mais dúvidas sobre a legitimidade da RPA. Ela é a expressão da vontade popular, quotidianamente manifestada por toda a população mesmo nas áreas ainda ocupadas pelo inimigo. Esta legitimidade tornou a RPA um membro de direito da OUA, e dentro de um certo tempo ela será necessariamente admitida na Organização Mundial — na ONU.

É já tempo que o mundo conheça o verdadeiro sentimento do nosso Povo no que respeita a certas e propositadas confusões trazidas por algumas correntes internacionais.

Existe em Angola, uma única organização política dirigente — o MPLA. Existe um só Governo organizado que exerce o poder de acordo com a vontade popular. Para o nosso Povo os fantoches vendidos ao imperialismo e à minoria racista, não podem de modo algum continuar a ser considerados como movimentos de libertação.

As Organizações internacionais não têm senão que seguir as realidades dos factos, e deixar de estabelecer equívocos em relação ao nosso País.



Certamente, a OUA não poderá deixar de tomar a atitude justa, no momento oportuno que consistirá em retirar o reconhecimento a organizações sem expressão no país servindo os interesses imperialistas e da minoria racista sul-africana. A OUA terá em consideração a vontade do Povo angolano, e a realidade dos factos.

No momento oportuno a ONU tomará uma atitude semelhante.

Portanto, camaradas delegados e convidados, esta conferência não pode deixar de decidir em consequência.

A solidariedade internacional vai continuar a manifestar-se em relação ao nosso País e ao nosso Povo. Estamos certos disso.

A solidariedade internacional será também um dos princípios essenciais a inscrever na nossa política externa. O Povo angolano não esquecerá o seu dever internacionalista.

Apoiaremos sem reservas os povos que em África lutam pela sua independência, contra a minoria racista, contra sionismo e outras formas de dominação.

Assim, não pouparemos esforços para apoiar a luta dos nossos camaradas na Namíbia, cujo território está ocupado pelos racistas sul-africanos. Daremos apoio à justa causa dos milhões de sul-africanos, vítimas da discriminação e da opressão da minoria branca. Apoiaremos o povo irmão do Zimbabwe, o povo Árabe da Palestina e os desejos de liberdade do povo do Saara Ocidental e em outras áreas de África.

Estaremos sempre ao lado dos povos Latino-americanos nomeadamente ao lado do Povo Chileno.

Estamos solidários com os povos da Coreia, ansiosos pela reunificação da sua Pátria, com a República Democrática e Popular de Timor-Leste saudando o povo de Laos pela criação da sua República Democrática.

Estamos solidários com o Povo negro dos Estados Unidos da América vítima da exploração e da discriminação racial.

A RPA considera importante apoiar a justa luta de todos os Povos africanos que se encontram oprimidos ou explorados.

## CAMARADAS :

Não temos dúvidas sobre o carácter das decisões que vão tomar, dada a honrosa tradição de solidariedade da OSPAA. As vossas decisões derivarão do tema proposto para esta Conferência.

As decisões serão seguidas de acção de cada uma das organizações, cada uma na sua zona de actuação.

Alguns factos da nossa realidade concreta tentamos apresentá-los no sentido de dar elementos para que a vitória irreversível já alcançada se consolide e transforme completamente Angola, numa zona de progresso para o nosso continente.

No dia 4 de Fevereiro, data em que celebramos o 15.º aniversário do início da Luta Armada, o nosso Povo será honrado com as vossas decisões.

PELA INDEPENDÊNCIA DE ÁFRICA E DA ÁSIA  
PELO REFORÇO DA SOLIDARIEDADE AFRO-ASIÁTICA

A LUA CONTINUA

A VITÓRIA É CERTA

Luanda, 2 de Fevereiro de 1976.



DISCOURS DU CAMARADE PRÉSIDENT DU MPLA ET  
DE LA RÉPUBLIQUE POPULAIRE DE L'ANGOLA A  
L'OCCASION DE L'OUVERTURE DE LA CONFÉRENCE  
EXTRAORDINAIRE DE SOLIDARITÉ ENVERS L'ANGO-  
LA ORGANISÉ PAR L'OSPAA (ORGANISATION DE  
SOLIDARITÉ DES PEUPLES AFRO-ASIATIQUES)

## CAMARADES

J'ai le grand honneur de saluer, au nom du Peuple Angolais, tous les distingués délégués à cette Conférence de Solidarité qui, avec opportunité, se réalise dans la capitale de l'Angola.

Soyez les bienvenus à Luanda :

L'honneur qui nous échoit est grand, aussi grand que la générosité de chacun des délégués qui ne c'est pas dérobé aux sacrifices afin que les peuples d'Asie et d'Afrique trouvent dans l'Indépendance, la liberté, la dignité et les conditions socio-politiques propes à leur progrès matériel.

Pendant de longues années, nous avons marché ensemble avec toutes les organisations de solidarité, à la recherche des transformations politiques qui devaient apporter la liberté complète aux continents africain et asiatique.

Nous pouvons dire aujourd'hui que cette Conférence est la conclusion victorieuse d'un nouveau chapitre de la lutte dans laquelle chacun de nous a été engagé, pour l'Indépendance de l'Angola et qui arriva le 11 Novembre 1975.

Celle-ci est donc, camarades délégués et invités, la conclusion heureuse d'une nouvelle action à vous, d'une action à nous, pour la libération de l'Angola.

Les conditions pour cette Conférence ont été créés par nous tous. Il s'agit donc de notre Conférence de Solidarité.



Le Peuple Angolais, et surtout la population de Luanda, qui a cet exceptionnel privilège de pouvoir contacter avec les délégations étrangères, déborde de joie, exprime avec exubérance son enthousiasme en voyant ses amis ici, dans cette ville de Luanda, en sentant près de lui ces alliés constants et fidèles, qui ne se sont jamais écartés de l'idée de la lutte pour la conquête de la liberté pour notre Pays, en sentant la chaleur de l'amitié.

C'est au nom du Peuple Angolais que je remercie les camarades délégués et invités pour votre venue à cette capitale de l'Angola, qui est une ville d'Afrique, la capitale africaine la plus récemment arrachée à la domination colonialiste.

Nous pouvons réaliser aujourd'hui cette Conférence à Luanda grâce à l'action héroïque et révolutionnaire du Peuple, des paysans, ouvriers, étudiants, fonctionnaires publics, propriétaires, de tous les patriotes, sans distinction de classe, de sexe ou d'idéologie: grâce à l'action des FAPLA qui, avec orgueil, poursuivent le combat armé: grâce à l'action de tous ceux qui, avec courage, ont fait face à l'ennemi colonialiste, jusqu'à sa défaite totale.

Notre première guerre de libération nationale a rendue possible cette réunion, où nous allons raffermir nos liens d'amitié et de coopération fraternels.

Cette Conférence se réalise à Luanda, après de nombreuses autres réunions en des capitales africaines et asiatiques. Nous pouvons rappeler ici les journées de Rome, du Caire, de Khartoum, de Nouvelle Dehli, de Bruxelles, de Dar-es-Salam, de Brazaville etc. et plus récemment, de Aden. Les manifestations concrètes de solidarité ont toujours été un facteur positif, catalyseur et révolutionnaire, moralisant, transformant le courant libérateur national en courant mondial pour le Progrès.

Les réunions internationales de solidarité ont énormément contribué à notre victoire sur le colonialisme portugais.

Ces actes de solidarité ont préparé les conditions pour que ne nous viennent pas à manquer les armes: l'alimentation, les vêtements, les chaussures et d'autres biens essentiels aux com-

battants. Ils ont préparé le terrain diplomatique pour faire connaître et augmenter le prestige dans le plan international de l'avant-garde révolutionnaire du Peuple angolais — le MPLA.

La solidarité Afro-Asiatique a donc toujours été un facteur essentiel pour la libération.

Les conditions furent créées, par la lutte du peuple angolais, par la solidarité internationale, pour que Luanda soit honorée de la visite de vieux amis, compagnons de lutte et auteurs permanents d'une révolution qui continue jusqu'à la libération complète de l'Homme.

Voilà notre Victoire!

Afin que les bornes historiques dépassées se maintiennent constamment à la mémoire de tous, permettez-moi de vous rappeler ici la solidarité concrète qui exista pendant la lutte anti-coloniale entre le FRELIMO, le MLSTP, le PAIGC et le MPLA, réunis dans la CONCP — l'unité maintenue au long des années, depuis la gestation de chacun des partis, jusqu'à la victoire.

A cette unité d'action a contribué le talent révolutionnaire de Amílcar Cabral, l'architecte capable de la révolution guinéense et capvertienne, assassiné par les agents des colonialistes criminels, le 20 Janvier 1973. Y a contribué encore la vivacité et la claire perception des phénomènes de Eduardo Mondlane, assassiné lui aussi à cause de son amour pour la liberté du Peuple Mozambicain, le 3 Février 1972.

Ont aussi contribué à cette union dans la lutte les dirigeants des actuelles jeunes Républiques africaines et il est hors de doute qu'en vertu de cette solidarité l'Afrique respire un nouvel air de progrès et d'esprit révolutionnaire que, nous l'espérons, se développera, afin de détruire à jamais l'exploitation, la domination et l'aliénation de l'Homme africain.

Nous sommes sûrs que les succès communs du passé serviront de base à l'obtention de nouveaux succès dans le présent, dans le cadre africain.



Les mouvements de libération des régions dominées par les racistes, coopéraient avec nous intensément dans les tâches de la libération. Ainsi, l'ANC, les Mouvements de libération du Zimbabwe, de la Namibie, des îles Comores ou de la Côte de Somale, ont toujours donné un appui vigoureux au MPLA qui concentrait en lui les plus grandes aspirations du Peuple Angolais.

Une des plus éloquentes preuves de solidarité fut celle des pays progressistes d'Afrique, grâce à une identité de principes et à une compréhension pendant les années de combat.

La victoire sur les colonialistes portugais aurait été beaucoup plus difficile si le camp socialiste n'avait pas existé. Il fut toujours la principale source matérielle pour notre lutte.

Tout comme aujourd'hui, aussi dans le passé les pays capitalistes d'Europe et d'Amérique ont considéré le MPLA dangereux pour leurs intérêts en Afrique australe.

Le MPLA fut le seul ennemi réel du colonialisme portugais en Angola.

L'imperialisme a manœuvré pour saboter notre Indépendance, pour diviser notre Pays, essayant à chaque instant désorganiser le MPLA par l'infiltration d'agents, par des tentatives de corruption, par des tentatives d'élimination physique.

Doué de cohérence dans son activité réactionnaire, malgré son dynamisme, l'imperialisme n'a pas eu, ni ne pouvait avoir des succès dans son désir d'instaurer un régime néo-colonial en Angola; il faillit en appuyant le colonialisme portugais et il faillira une fois de plus en appuyant ses fantoches, parce qu'il ne comprend pas, ni ne peut comprendre le sens du flux de l'Histoire.

Ces défaites de l'imperialisme sont dues, dans une grande mesure, à l'aide fraternelle et généreuse accordée au long des années de lutte par les pays socialistes qui avec dynamisme, avec un véritable esprit internationaliste, nous ont facilité l'obtention des moyens pour la lutte. Les pays socialistes, nos alliés dans le combat contre la domination coloniale et néo-coloniale, ont été et sont toujours le principal appui matériel de notre lutte.

Dans les pays capitalistes d'Europe et d'Amérique eux mêmes, les peuples respectifs se sont toujours prononcés en faveur de l'Indépendance des Peuples colonisés et, au moyen de groupes d'appui et de solidarité, l'expression humaine d'unité révolutionnaire a été sentie à chaque pas de notre lutte. Sur le plan moral, politique et matériel, cette solidarité est devenue actuellement un instrument indispensable pour la libération.

Toute cette action a été coordonnée dans le plan de l'OSPAA par son Secrétariat, à la tête duquel se trouve, depuis de nombreuses années, notre cher ami Youssef El Sebai.

Par ses prises de position, des Conférences, des Recontres, des Séminaires, le Secrétariat de l'OSPAA a dynamisé toute une action dans les pays africains et asiatiques, dans le sens d'appuyer la juste lutte des peuples.

Le MPLA, lorsqu'il faisait encore la lutte armée pour l'Indépendance Nationale, fut admis comme membre du Secrétariat de l'OSPAA et nous avons ainsi l'occasion de travailler ensemble avec les actuels représentants du Secrétariat.

L'Angola est donc, et par l'intermédiaire du MPLA, membre du Secrétariat de l'OSPAA et le sera encore, notre représentation dans l'Organisation ne dépendant que du perfectionnement du travail des Relations extérieures.

La grande famille révolutionnaire se retrouve finalement à Luanda.

Soyez les bienvenus, camarades.

Soyez les bienvenus, représentants de la CONCP

Soyez les bienvenus, représentants des Pays socialistes

Soyez les bienvenus, représentants des Comités de solidarité du monde entier.

Il est vrai que notre Pays à encore son intégrité territoriale à défendre. Il lui faut encore se battre pour une parfaite unité nationale. Il doit construire son économie et s'affirmer culturellement.



Dans quelques jours nous atteindrons l'âge de trois mois et les colonialistes portugais nous ont laissé en héritage l'invasion de notre territoire au Nord par l'armée régulière du Zaïre, sous couvert du fantoche FNLA et au Sud par l'armée régulière sud-africaine, accompagnée des fantoches de l'UNITA. Les colonialistes portugais, qui ont été ici jusqu'au 11 Novembre 1975 ont toujours espéré que Luanda soit prise par nos ennemis avant que nous ne proclamions l'Indépendance. Leurs espoirs ne se sont cependant pas réalisés. Le peuple angolais ne l'a pas permis.

Ils nous ont légué en héritage une situation économique chaotique. Ils ont, exprès, détruit machines et installations, rendant difficile le démarrage de la reconstruction nationale. Cet héritage, les colonialistes portugais nous l'ont laissé après cinq siècles d'esclavage, de discrimination et d'obscurantisme, pendant lesquels il ne fut pas possible de former des techniciens et des hommes capables pour faire fonctionner et contrôler chacun des secteurs de la vie nationale.

Cet héritage constitue un crime à ajouter à tant d'autres pratiqués sur le sol angolais, crime que la mémoire du Peuple angolais retiendra au long des temps. Seule la fermeté révolutionnaire du Peuple angolais, appuyé par ses alliés et amis, a déterminé le retrait des colonialistes, aidés par l'imperialisme international. Ce sont ces facteurs qui permettront la reconstruction et le développement de notre Pays.

L'Afrique s'est vue débarrassée du colonialisme portugais lorsque son dernier soldat est sorti de l'Angola. Dans ce processus on n'assiste pas seulement à la libération des peuples opprimés depuis des siècles, mais aussi à une nouvelle attitude contre les tentatives de néo-colonisation. Le courant progressiste augmente et il devient de plus difficile à l'imperialisme d'obtenir de la docilité de la part des peuples d'Afrique. Le caractère révolutionnaire de la lutte armée développée pendant plus d'une dizaine d'années, a tempéré les Peuples afin qu'ils se maintiennent dans une attitude anti-imperialiste.

Le Peuple angolais se maintient ferme dans la défense intransigeante de l'Indépendance. C'est en ces termes que nous avons défini le contenu de notre Indépendance.

Unissant le Peuple en un seul front anti-colonialiste et anti-imperialiste, nous avançons pour consolider l'Indépendance et mobiliser pour le combat toutes les classes sociales patriotiques, tous les hommes et femmes du Pays, sans distinction de couleur, de croyance ou de tendance politique.

Le large front anti-impérialiste qu'est le MPLA, est la base sur laquelle s'appuie toute la structure de la République Populaire de l'Angola. C'est sur les principes révolutionnaires du MPLA que l'on construit l'édifice de cette République.

Nous poursuivons la lutte, cette fois-ci contre l'impérialisme et ses valets et pour la reconstruction nationale.

Nous avons, naturellement, fait certaines options pour la vie de la Nation et nous nous obligeons à organiser le Pouvoir Populaire, en reconnaissant la vérité historique et révolutionnaire qu'il ne peut y avoir d'indépendance ni de démocratie, sans la participation active des ouvriers et des paysans — les classes les plus exploitées pendant le colonialisme — au pouvoir.

Nous croyons donc nécessaire que, au post-Indépendance, les ouvriers et les paysans aient une voix prépondérante dans la Nation.

L'application pratique de ce principe ne sera pas facile, dans un terrain où les problèmes de tous ordres s'enchevêtrent. Mais nous sommes fermement convaincus que dans un laps de temps plus ou moins court, nous pourrons voir constituée l'Assemblée du Peuple, avec de hautes fonctions législatives et composée par une majorité d'ouvriers et de paysans de toutes les Provinces. Cette Assemblée du Peuple définira l'orientation pour notre Pays. La capacité révolutionnaire du Peuple et les leçons à tirer de notre expérience et de l'expérience des autres Peuples, permettront d'adopter les mesures qui nous conduiront progressivement au régime de Démocratie Populaire.

Le facteur matériel est la base sur laquelle repose le progrès politique.

C'est sur le développement agricole et industriel que sera basé le progrès social et politique et que sera créée une nouvelle face pour la Nation.



Sur cet aspect, je dois faire ici référence aux illusions de certains pays impérialistes qui pensent utiliser le boycott économique de la part des pays développés de l'Occident, comme obstacle insurmontable pour la jeune Nation angolaise; même en considérant l'étendue du territoire, l'abondance des ressources naturelles, la relative dépendance de l'Angola du point de vue économique de la part d'autres pays africains, ils oublient l'existence de nos alliés, les pays socialistes, comme ils ont oublié, en si peu de temps, les leçons du Vietnam et de Cuba.

Avec la persévérance et le réalisme que la lutte armée a donnée aux combattants angolais, nous édifierons notre économie de façon à servir les intérêts de la Nation, nous défendrons les principes qui orienteront nos options politiques, économiques et idéologiques.

D'autre part, l'Homme qui naîtra de cette République, bénéficiant de l'instruction et de l'assistance médicale gratuites, devra revivre, au sens le plus étendu, la culture angolaise afin que le patrimoine de l'Afrique s'enrichisse de ses différents et brillantes formes d'expression.

Nous réaliserons la vraie Démocratie en tenant compte notre réalité concrète.

Lorsque nous exposons nos options, l'ennemi (et par ennemi j'entends ceux qui voudraient liquider l'Angola) nous classifie d'une certaine façon.

Nous devons dire que ce n'est pas pour ces raisons que nous cesserons d'être ce que nous sommes, ni ne cesserons de dire ce que nous sommes. Nos avons toujours en un programme clair, nous nous sommes toujours ouvertement définis comme étant progressistes, certains qu'en le faisant nous sommes seulement en train d'interpréter le désir d'un Peuple conscient de ses objectifs révolutionnaires, conscient des voies à suivre pour réaliser ses aspirations les plus profondes.

Nous croyons au principe selon lequel chaque Peuple a le droit de définir sa vie et de choisir le régime qu'il désire.

Nous aimons profondément l'Indépendance et la Démocratie, que notre Peuple désire.

En réalisant les objectifs de l'indépendance et la Démocratie souhaités par le Peuple angolais, en instaurant le Pouvoir Populaire et en nous orientant vers la constitution d'une société socialiste, le MPLA et les organes dirigeants de la République Populaire de l'Angola se constituent en seuls et légitimes représentants de notre Peuple.

Nous ne comprenons pas les incongruités de la politique africaine.

À la dernière réunion de l'OUA il y eut une nette victoire du courant progressiste africain.

Malgré toutes les tentatives d'intimidation et de corruption de la part des agents de l'impérialisme, les progressistes africains ont clairement montré la défense de certains principes fondamentaux de l'organisation, tels que la condamnation de l'apartheid et de l'expansionisme de l'Afrique du Sud, la condamnation des fantoches angolais rassemblés dans le FNLA et l'UNITA.

Ce courant a fait face à un autre, qui a oublié les déclarations et les compromis assumés dans le passé, en s'alliant plus ou moins clairement à l'Afrique du Sud en acceptant l'occupation de la Namibie, en acceptant que la Namibie soit utilisée comme base pour attaquer l'Angola.

Il ne fut aucunement à l'honneur de notre continent, l'hésitation à condamner l'agresseur raciste; et même l'incapacité de définir l'ennemi.

Evidemment que le courant progressiste a modifié les habitudes conciliatoires de l'OUA, afin d'introduire un nouveau comportement. Le compromis n'est pas possible lorsque l'ennemi s'installe dans notre territoire. Il n'est pas possible d'oublier les engagements fondamentaux dans une pareille situation. La position de la République Populaire de l'Angola en Afrique et dans le monde se consolide et le processus devient irréversible sur le plan international aussi, par la cohésion des forces progressistes africaines.



Car l'unité africaine ne peut être comprise que si elle se fait sur la base de principes justes.

Et dans l'OUA, pour qu'il y ait de la cohérence, il faut qu'elle se fasse réellement autour des problèmes de la libération du néo-colonialisme, de l'expansionnisme raciste et de l'impérialisme.

Parce que les racistes sud-africains sont des ennemis de l'Afrique et de ses peuples, en pratiquant l'oppression et la discrimination sur près de vingt millions d'Africains, la minorité blanche ne peut aucunement collaborer avec d'autres Africains si ce n'est dans le but de les exploiter.

Il est immoral que les Africains fassent des alliances ou se maintiennent neutres devant ce problème.

Il est criminel que des Africains se trouvent dans les mêmes tranchées politiques que la minorité sud-africaine, contre la Namibie et contre l'Angola.

Il est criminel de ne pas condamner les fantoches angolais au service de la minorité raciste ou imperialiste

La seule attitude digne est de combattre énergiquement les tendances expansionnistes des racistes.

Mais il y a encore plus d'incohérences de la part des réactionnaires, comme c'est normal. Dans une attitude lamentablement paternaliste ils ont prétendu dire au peuple angolais le type de Gouvernement qui lui convient. Divers pays, répétant un slogan de l'impérialisme insistent à pressions l'opinion étrangère et nationale, afin que se forme en Angola un gouvernement de coalition. Voilà un signe de plus de leur capitulation face à l'impérialisme. Ces pays, commandés par l'impérialisme, se croient en droit de dicter au Peuple angolais les solutions qui leur conviennent le mieux à eux, ou, mieux, celles qui conviennent à l'impérialisme, alors que nombreux d'entre eux ne sont pas capables de survivre sans les ballons d'oxygène des impérialistes parce que leurs gouvernements ne sont pas désirés par leurs peuples respectifs.

Je veux déclarer ici, devant les estimés délégués et invités, que nous les Angolais, savons ce que nous voulons et que les paternalistes africains devront se résigner à coopérer avec nous, dans le respect de notre indépendance et de nos options. Quant au Gouvernement, quant au régime en Angola, notre Peuple seul peut dire ce qui lui convient.

Quant aux sud-africains, qui connaissent déjà notre détermination de ne pas permettre l'occupation du territoire national par aucune force étrangère, nous espérons qu'ils n'hésiteront pas à se retirer complètement de notre territoire. Nous ne tolérons aucun étranger qui veuille se maintenir sur notre territoire par la force. Quels que soient les sacrifices exigés, notre Peuple chassera n'importe quel envahisseur.

En ce qui concerne ce qu'ils appellent leurs intérêts — intérêts qu'ils disent prétendre défendre, notre Peuple ne les connaît pas. Nous avons un vaste territoire riche en ressources où fonctionnent des compagnies étrangères. Il se peut que dans ces compagnies il y ait des participations sud-africaines. Il se peut que les colonialistes portugais aient introduit dans notre pays ces intérêts sud-africains. Mais prétendre défendre des intérêts en violant des frontières, en occupant du territoire national, en ignorant le Gouvernement légitime du pays où se trouveraient ces intérêts. Voilà un procédé de gangsters.

S'il y avait des intérêts avouables, certainement que la minorité raciste n'hésiterait pas, avec son habituelle effronterie, à s'adresser au Gouvernement légitime de l'Angola.

Que le sachent les racistes: le Pouvoir politique ne nous a pas été offert par les colonialistes portugais, leurs anciens alliés. Nous avons dû l'arracher aux dépens de notre sacrifice. C'est pourquoi nous n'avons en notre pouvoir aucun registre de l'actif et du passif résultant de compromis entre colonialistes et racistes.

Les sud-africains n'ont qu'à se retirer de notre territoire, et avec eux leurs fantoches. Ils n'ont pas à faire recours à des intérêts pour occuper notre Pays.

De même, et avant même que nous n'ayons signé un cessez le feu avec le Gouvernement colonialiste portugais, un pays afri-



cains, le Zaïre, infiltra des éléments de son armée régulière pour appuyer le FNLA dans sa prétention hégémonique en Angola.

Quelques défaites significatives ont déjà dû le convaincre de l'inutilité de sa guerre. Sans appui populaire, le régime zaïrois craint la contagion de l'orientation démocratique de l'Angola. Mais il veut des ouvertures faciles sur la mer. Il veut les produits angolais pour enrichir ses marchés. Il voudrait enfin transformer l'Angola en une dépendance du Zaïre et soumettre le peuple angolais à l'impérialisme Américain.

Le Zaïre a tout intérêt à établir des relations de coopération amicales avec le Gouvernement de la République Populaire de l'Angola. Notre pays apprécierait l'établissement de relations normales avec la République voisine. Mais pour cela il est absolument nécessaire qu'elle se retire de la guerre contre notre peuple. Il est absolument nécessaire qu'elle n'essaie pas d'interférer dans notre vie politique. Les peuples angolais et zaïrois peuvent vivre ensemble sans guerres, du moment que chacun est libre de choisir son destin et que toutes les relations soient basées sur le respect mutuel.

Les autres voisins n'ont qu'à respecter le type de vie que notre Peuple entend établir dans le pays, afin que des relations normales s'établissent, ainsi que nous le formaliserons, dans quelques heures, avec la République Populaire du Congo.

Les principes énoncés sont les bases de la fréquentation internationale que nous respecterons.

Permettez-moi, Camarades, de souligner un autre aspect de notre problème national.

Comme nous l'avons déjà dit antérieurement, nous avons reçu l'aide fraternelle de pays alliés et amis, d'organisations et même de personnalités progressistes du monde entier.

Recevoir ou non l'aide d'autres pays, établir ou non des relations de coopération avec d'autres pays et organisations est une prérogative de chaque état souverain. Et nous, la République Populaire de l'Angola, d'accord avec la situation que nous vivons, nous avons eu recours aux alliés et aux amis, afin qu'ils nous aident à résoudre nos problèmes.

Et bien, certains pays qui se croient maîtres du monde et du destin des hommes, réagissent aux décisions d'un pays indépendant et souverain.

Exactement, ces pays qui durant la première guerre de libération contre le colonialisme portugais, ont aidé les colonialistes, sont ceux qui envahissent notre pays, fournissent de l'armement aux fantoches, recrutant des mercenaires; ce qui démontre leur désir de continuer à nous dominer par la force.

Ce sont les gouvernements des États Unis d'Amérique, de la minorité raciste d'Afrique du Sud, de certains pays d'Europe occidentale, qui s'agitent à cause de l'indépendance de l'Angola.

Leur système d'exploitation des Peuples des autres pays ne permet pas la compréhension du besoin de liberté de chacun.

Leur opposition au camp socialiste, où s'est éteinte l'exploitation de l'homme par l'homme, les fait trembler de peur à l'idée qu'en Angola le peuple indépendant puisse être aussi une région inaccessible à la satisfaction de leur ambition démesurée du pouvoir, de richesses faciles aux dépens du peuple angolais.

Dans nos rapports avec les pays socialistes nous avons une bonne expérience. Jamais ne nous fut imposée une orientation idéologique. Jamais ne nous fut imposée une compensation à caractère matériel pour l'aide que nous recevons. Jamais nous ne les avons vu collaborer avec nos ennemis. Jamais ils n'ont prétendu nous imposer des gouvernements ou des solutions. Ils respectent notre peuple. Et maintenant commencent à s'établir les bases pour une coopération à tous les niveaux, dans le respect des principes qui orientent les relations internationales.

Je profite de cette occasion pour remercier, au nom du Peuple angolais, les Pays socialistes qui ont donné des preuves de solidarité internationaliste sans limites.

Nous remercions l'Union Soviétique, nous remercions la Yougoslavie, nous remercions Cuba, la Bulgarie, l'Allemagne Démocratique, la Roumanie, la Pologne, la Hongrie, la Tchécoslovaquie, la Corée, le Vietnam et la Mongolie. Nous remercions pour l'aide morale, politique militaire et technique qui nous a été accordée



d'une façon désintéressée pour la conquête de notre indépendance complète, pour la défense de notre intégrité territoriale et pour la reconstruction de notre Pays.

Nous regrettons seulement qu'un pays socialiste se trouve encore dans la même tranchée que l'ennemi, dans une association «contra natura» avec des Sud-africains, des Américains et leurs fantoches.

Nous étendons évidemment nos remerciements aux pays africains, aux organisations d'appui et de solidarité qui ont appuyé la juste lutte de notre Peuple.

Nous exprimons notre plus profonde gratitude aux différents comités de soutien qui en Italie, en Hollande, au Portugal, en Suède et en d'autres pays d'Europe se sont constitués en commissions pour la reconnaissance de la République Populaire de l'Angola.

Nous remercions les courants progressistes et réalistes des États Unis d'Amérique qui ont contribué à éviter une nouvelle aventure criminelle de leur gouvernement.

Les Peuples d'Europe, d'Afrique, d'Amérique et d'Asie nous appuient. Plus tôt ou plus tard notre République sera considérée par le monde entier.

Nous espérons pouvoir bientôt allonger la liste des pays avec lesquels nous coopérons, avec les pays développés de tous les continents avec lesquels nous sommes prêts à établir des relations.

Nous n'avons des comptes à rendre à personne, sauf à notre Peuple, de nos actes politiques. Et notre Peuple est prêt à défendre ce droit, conquis par des années de lutte. En respectant ce désir, la coopération est possible.

Nous réaffirmons notre adhésion complète à la politique de non-alignement. Nous n'avons aucunement l'intention et cela ne nous fut pas non plus sollicité, de permettre l'établissement de bases militaires, qui ne soient pas strictement dans l'intérêt de notre défense nationale. Nous n'avons aucunement l'intention de nous inscrire dans le contexte des différends entre blocs militaires.

bien que nous soyons extrêmement intéressés dans la limitation des armes stratégiques, dans la politique de détente et dans la création d'un clima de paix et de confiance entre tous les pays du monde.

Je dois le répéter: nous, les Angolais, nous aimons l'indépendance, nous aimons la Démocratie, qui nous furent volées pendant le colonialisme. Ni une chose ni l'autre ne seraient possibles si nous accepterions un suivisme aveugle à la politique d'autres pays. Nous en sommes conscients.

Il ne doit plus subsister de doutes quant à la légitimité de la R.P.A. Elle est l'expression de la volonté populaire, quotidiennement manifestée par toute la population, même dans les régions occupées par l'ennemi. Cette légitimité a rendu la RPA un membre de droit de l'OUA et, bientôt, elle sera nécessairement admise à l'Organisation Mondiale — à l'ONU.

Il est déjà temps que le Monde connaisse le vrai sentiment de notre Peuple, en ce qui concerne certaines confusions expressément apportées par certains courants internationaux.

Il n'existe en Angola qu'une seule organisation politique dirigeante — le MPLA. Il n'existe qu'un seul gouvernement organisé, qui exerce le pouvoir en accord avec la volonté populaire. Pour notre Peuple, les fantoches vendus à l'imperialisme et à la minorité raciste, ne peuvent en aucun cas continuer à être considérés des «mouvements de libération».

Les organisations internationales n'ont qu'à suivre les réalités des faits et ne plus permettre l'établissement d'équivoques par rapport à notre Pays.

Certainement que l'OUA ne pourra pas ne pas prendre une attitude juste au moment opportun, et qui consistera à retirer la reconnaissance à des organisations sans expression dans le pays, servant les intérêts impérialistes et ceux de la minorité raciste sud-africaine. L'OUA prendra en considération la volonté du Peuple angolais et la réalité des faits.

Au moment opportun, l'ONU prendra une attitude semblable. Donc, camarades délégués et invités, cette conférence ne peut ne pas décider en conséquence.



La solidarité internationale se manifestera toujours envers notre Pays et notre Peuple. Nous en sommes sûrs.

La solidarité internationale sera un des principes essentiels à inscrire à notre politique externe. Le Peuple angolais n'oubliera pas son devoir internationaliste.

Nous appuyerons, sans réserves, les peuples qui en Afrique luttent pour leur indépendance, contre la minorité raciste, contre le sionisme et d'autres formes de domination.

Ainsi, nous n'épargnerons aucun effort afin d'appuyer la lutte de nos camarades de la Namibie, dont le territoire est occupé par les racistes Sud-africains. Nous donnerons un juste appui à la cause des millions de Sud-africains victimes de la discrimination et de l'oppression de la minorité blanche. Nous appuyerons le peuple frère du Zimbabwe, le peuple arabe de la Palestine et les aspirations de liberté du peuple du Sahara Occidental et en d'autres régions d'Afrique.

Nous serons toujours aux côtés des peuples latino-américains, notamment aux côtés du Peuple chilien.

Nous sommes solidaires avec les peuples de Corée, désireux de voir leur Patrie réunifiée, avec la République Démocratique et Populaire de Timor-Est et nous salvons le peuple du Laos pour la création de sa République Démocratique.

Nous sommes solidaires avec le Peuple noir des États Unis d'Amérique, victime de l'exploitation et de la discrimination raciale.

Quant au Peuple de Timor-Est, uniquement dirigé par le FRETILIN, il nous faudra développer les liens de coopération et d'amitié.

La RPA considère important d'appuyer la juste lutte de tous les Peuples africains qui soient opprimés et exploités.

Camarades,

Nous n'avons aucun doute sur le caractère des décisions que vous allez prendre, étant donnée l'honorable tradition de solidarité de l'OSPAA. Vos décisions découleront du thème proposé pour cette Conférence.

Les décisions seront suivies d'actions de chacune des organisations, chacune dans sa zone d'activité.

Nous avons essayé de vous présenter quelques faits de notre réalité concrète, afin de vous donner des éléments afin que la victoire irréversible déjà obtenue se consolide et transforme complètement l'Angola en une zone de progrès pour notre continent.

Le 4 Février, date à laquelle nous célébrons le 15<sup>e</sup> ème anniversaire du début de la lutte armée, notre Peuple sera honoré de vos décisions.

POUR L'INDÉPENDANCE DE L'AFRIQUE ET DE L'ASIE.

POUR LE RENFORCEMENT DE LA SOLIDARITÉ AFRO-ASIATIQUE.

LA LUTTE CONTINUE!

LA VICTOIRE EST CERTAINE!

Luanda, le 2 Février 76.



SPEECH DELIVERED BY DR. AGOSTINHO NETO PRESIDENT OF THE MPLA AND OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF ANGOLA AT THE OPENING SESSION OF THE EMERGENCY CONFERENCE IN SOLIDARITY WITH ANGOLA ORGANIZED BY THE AAPSO (AFRO-ASIAN PEOPLES SOLIDARITY ORGANIZATION)

Comrades,

I have the great honour, on behalf of the Angolan People, to greet all the distinguished delegates and guests at this Solidarity Conference, which is most opportunely being held in the capital of Angola.

Welcome to Luanda!

The honour which falls to us is great, as great as the generosity of the delegates here, everyone of whom has spared no sacrifice in order that the Peoples of Asia and Africa should enjoy independence, freedom, dignity and socio-political conditions favouring their material advancement.

For long years, together with all the solidarity organizations we have gone in search of political transformations which should bring complete freedom to the African and Asian continents.

Today we can say that this conference is the victorious conclusion of yet another chapter in the struggle in which we have all been involved for the independence of Angola, which took place on 11 November 1975.

Therefore, comrade delegates and guests, this is the happy conclusion of another of your actions, of our actions, for the liberation of Angola.

The conditions for holding this conference were created by all of us. It is therefore our Solidarity Conference.



The Angolan People and particularly the population of Luanda, who have this exceptional privilege of meeting the foreign delegations, are overjoyed, giving, full vent to their enthusiasm on seeing their friends here in this city of Luanda, on feeling at their side the constant and faithful friends who never strayed from the idea of struggle to win freedom for our country, on feeling the warmth of friendship.

On behalf of the Angolan People, I thank the comrade delegates and guests for coming to this capital of Angola, which is a city of Africa, the African capital most recently wrested from colonial rule.

We can today hold this conference in Luanda thanks to the heroic and revolutionary action of the People, of the peasants, workers, students, civil servants, proprietors, of all patriots, irrespective of class, race, sex or ideology; thanks to the action of FAPLA, which with pride is continuing the armed struggle; thanks to the action of all those who courageously confronted the colonialist enemy, with arms in hand, until their complete defeat.

Our first national liberation war made it possible to hold this meeting at which we are going to strengthen the bonds of friendship and fraternal cooperation.

This conference is being held in Luanda, after many others which met in African and Asian capitals. We can recall here the days in Rome, Cairo, Khartoum, New Delhi, Brussels, Dar es Salaam, Brazzaville, and so on, and more recently Aden. Concrete manifestations of solidarity have always been a positive factor, catalysts, revolutionary, encouraging, and transforming the tide of national liberation into a world tide of progress.

International solidarity meetings contributed enormously to our victory over Portuguese colonialism.

These acts of solidarity prepared the conditions for there to be no lack of arms, food, clothing, footwear or other goods essential to the fighters. Diplomatically, they paved the way for the People's Movement for the Liberation of Angola, the MPLA, the Angolan People's revolutionary vanguard, to become internationally known and to increase its prestige.

Hence Afro-Asian solidarity has always been an essential factor for liberation. Through the Angolan People's struggle through international solidarity, the conditions were created for Luanda to be honoured with the visit of old friends, companions in the struggle and the consistent authors of a revolution which continues for the complete liberation of man. This is our victory!

Because past historical events should be constantly in everyone's memory, allow me to recall here the concrete solidarity that existed during the anti-colonial struggle between FRELIMO, the MLSTP, the PAIGC and the MPLA, grouped together within the CONCP, and the unity maintained over the years, from the time when each of these parties was formed until final victory.

The revolutionary talent of Amílcar Cabral, the able architect of the Guinean and Cape Verdian revolution, assassinated by agentes of the criminal colonialists on 20 January 1973, contributed to that unity of action. The vivacity and clear perception of phenomena of Eduardo Mondlane, also assassinated on 3 February 1969 for his love for the Mozambican People's freedom, contributed as well.

The unity in the struggle was also contributed to by the leaders of the present young African republics, and there is no doubt that because of this solidarity, Africa is breathing the air of progress and of a revolutionary spirit which we hope will develop to end, once and for all, the exploitation, domination and alienation of the African man.

We are certain that past joint successes will serve as a basis for achieving further successes in the present, within the African context.

The liberation movements of the regions still dominated by the racists cooperated intensively with us in the tasks of liberation. Thus, the ANC of South Africa, the Zimbabwean and Namibian liberation movements, and those of the Comores and the Somali Coast, always gave vigorous support to the MPLA, which concentrated within itself the Angolan People's greatest aspirations.

One of the eloquent proofs of solidarity has been that given by the progressive countries of Africa, through an identity of prin-



principles and an understanding of the need for liberation. It was in some of these countries that we found the greatest understanding during the years of struggle.

Victory over the Portuguese colonialists would have been very difficult had the socialist camp not existed. It has always been the main source of material help for our struggle.

In the past, just today, the capitalist countries of Europe and America regarded the MPLA as a danger to their interests in Southern Africa. In fact the MPLA was the only real enemy of Portuguese colonialism in Angola.

Imperialism manoeuvred to sabotage our independence, to divide the country, persistently trying to disrupt the MPLA through the infiltration of agents, attempts at corruption and attempts at physical liquidation.

Although consistent in its reactionary activity and despite its dynamism, imperialism never did and never will succeed in its desire to establish a neo-colonial regime in Angola. It failed in its support for Portuguese colonialism, and it will fail again in its support for its puppets, because it does not and cannot understand the direction of the course of history.

These defeats of imperialism are to a great extent due to the fraternal and generous help given over the years of struggle by the socialist countries which with dynamism and a truly internationalist spirit, helped us to obtain the means for the struggle. The socialist countries, our allies in the fight against colonial and neo-colonial domination, were and still are the chief material support of our struggle.

In the capitalist countries of Europe and America themselves, the Peoples always came out in favour of the independence of the colonized peoples and, through support and solidarity groups, made the human expression of revolutionary unity felt at each step of our struggle. Morally, politically and materially, this solidarity has now become an indispensable instrument for liberation.

Within AAPSO, all this action was coordinated by its Secretariat headed for many years now by our dear friend Youssef-El-Sebai.

Through the stands it took, and through conferences, meetings and seminars, the Secretariat of AAPSO gave impetus to action in African and Asian countries in support of the just struggle of the Peoples.

While still waging the armed struggle for national independence, the MPLA was made a member of the Secretariat of AAPSO, and we therefore had the opportunity to work with the present representatives of the Secretariat.

Through the MPLA, Angola is therefore a member of the Secretariat of AAPSO and continues to be so our representation in the Organization depending merely on perfecting our work in external relations.

The great revolutionary family is finally meeting in Luanda.

Welcome comrades.

Welcome representatives of the CONCP.

Welcome progressive representatives of Africa.

Welcome representatives of socialist countries.

Welcome representatives of solidarity committees of the whole world.

It is a fact that our country still has to defend its territorial integrity. It still has to fight for perfect national unity. It has to build economy and affirm itself culturally.

Within a few days we will be three months old and the Portuguese colonialists left us as an heritage the invasion of the North of our territory by the Zairean regular army, under cover of the puppet FNLA, and of the South by the South African regular army accompanied by the UNITA puppets. The Portuguese colonialists, who were until 10 November 1975, were still hoping that Luanda would be captured by our enemies before we proclaimed our independence. But their hopes were not fulfilled. The Angolan People did not permit it.

They bequeathed to us a chaotic economic situation. They deliberately destroyed machines and installations, making take-off in national reconstruction difficult. The Portuguese colonialists left



us this heritage after five centuries of slavery, discrimination and obscurantism when it was not possible to train technicians and men capable of running and controlling every sector of national life.

This heritage is yet another crime to be added to the many others committed on Angolan soil, a crime that the Angolan People will remember in years to come.

Only the revolutionary steadfastness of the Angolan People supported by their allies and friends caused the withdrawal of the colonialists supported by international imperialism. These are the factors which will make possible the reconstruction and development of our country.

Africa found itself free from Portuguese colonialism when its last soldier left Angola. In this process, one could witness not only the liberation of Peoples oppressed for centuries, but also a new attitude towards attempts at neo-colonization. The progressive tide is growing and it is becoming increasingly difficult for imperialism to secure the docility of African Peoples. The revolutionary nature of the armed struggle developed over more than a decade tempered the People to maintain an anti-imperialist attitude.

The Angolan People stand firm in their intransigent defence of independence. It was in these terms that we defined the content of our independence. Uniting the People in one broad anti-colonialist and anti-imperialist front, we are taking steps to consolidate independence, so as to mobilize for the fight all patriotic social classes, all men and women in the country, regardless of colour, creed or political tendency.

The broad anti-imperialist front that the MPLA is, the foundation upon which the entire structure of the People's Republic of Angola stands. The edifice of this Republic is being built on the revolutionary principles of the MPLA.

We are continuing the struggle, this time against imperialism and its lackeys, for national reconstruction.

Naturally, we have made certain options for the life of the nation, and we are obliged to organise People's Power on recognising the historical and revolutionary fact that there can be no inde-

pendence without democracy, without the active participation in power of the workers and peasants—the classes most exploited during colonialism.

It was the workers and peasants who bore the brunt of colonial humiliation, and who paid the highest price in hunger and poverty and who made the greatest sacrifices during the war for liberation from colonialism. We therefore judge it necessary for the workers and peasants to have the preponderant voice in the nation in the post-independence period.

The practical application of this principle will not be easy in a situation fraught with problems of every kind. But we are firmly convinced, that in a fairly short time we shall see the People's Assembly constituted, with high legislative functions, composed of a majority of workers and peasants from all the provinces. The People's Assembly will lay down the orientation for our country. The revolutionary capacity of the People and the lessons to be learnt from our own experience and that of other Peoples will make it possible to adopt measures which will gradually lead, to a regime based on People's Democracy. The material factor is the foundation on which political progress is based. It is on agricultural and industrial development that social and political progress will be based and a new face created for the nation.

In this connection, I must refer here to the illusions of certain imperialist countries which are thinking of using an economic boycott by developed western countries as an insurmountable obstacle for the young Angolan nation, even considering the vastness of our territory, the abundance of natural resources and the relative dependence, economically, of other African countries on Angola.

They forget the existence of our allies, the socialist countries, just as they have forgotten the lessons of Vietnam and Cuba in such a short time.

With the perseverance and realism which the armed struggle has given to the Angolan fighters, we shall build our economy to serve the interests of the nation and we shall make defence support the guiding principles of our political, economic and ideological options.



At the same time, the man born of this Republic, enjoying free education and medical care, will have to revive Angolan culture in broad terms, so that Africa's patrimony may be enriched with its various and brilliant forms of expression.

We shall achieve true democracy, taking into consideration our concrete realities.

When we speak of our options, the enemy (and by the enemy I mean those who want to liquidate Angola) classify us in a given way.

We should like to state that this will not make us stop being what we are, and neither will it make us stop saying what we are. We have always had a clear programme and we have always openly defined ourselves as progressive, certain that in so doing we were interpreting the wishes of a People conscious of their revolutionary objectives, conscious of the path to be followed to fulfil their deepest aspirations.

We believe in the principle that all Peoples have the right to determine their lives and to choose the regime they want.

We profoundly love the independence and democracy that our People want. Fulfilling the objectives of independence and democracy, desired by the Angolan People, establishing People's Power and orientating ourselves towards the constitution of a socialist society, the MPLA and the leading organs of the People's Republic of Angola constitute the legitimate and sole representative of our People.

We do not understand the incongruencies of African politics.

At the last OAU meeting there was a clear victory for the progressive African trend. Despite all the attempts at intimidation and bribery by agents of imperialism, the African progressives clearly showed their defence of some of the Organisation's fundamental principles, such as the unequivocal condemnation of the invasion of Angolan territory by the South African racists, the condemnation of apartheid and South Africa's expansionism, and the condemnation of the Angolan puppets grouped within the FNLA and UNITA.

This trend came into confrontation with another which forgot the statements and commitments adopted in the past, allying itself more or less clearly with South Africa, accepting the occupation of Namibia and accepting the use of Namibia as a base for attacking Angola. The reluctance to condemn the racist aggressor was not at all honourable for our continent. Nor the inability to define who is the enemy.

Of course, the progressive trend changed the conciliatory habits of the OAU and introduced a new kind of behaviour.

Compromise is not possible when the enemy are establishing themselves in our territory. It is impossible to forget fundamental commitments in such a situation. The position of the People's Republic of Angola in Africa and the world is being consolidated and the process is becoming irreversible internationally, too, because of the cohesion of the progressive African forces.

African unity can only be understood and achieved on the basis of just principles. And within the OAU, if there is to be coherence, it must really be achieved, in relation to the problems of liberation from neo-colonialism, racist expansionism and imperialism. Because the South African racists are enemies of Africa and of its peoples. Practising oppression and discrimination against about 20 million Africans, the white minority cannot in any way collaborate with other Africans except to exploit them. And it is immoral that Africans should make alliances or remain neutral in the face of this problem. It is criminal that Africans should find themselves in the same political trenches as the racist minority or imperialism.

The only worthy attitude is to fight vigorously against the expansionist tendencies of the racists.

But, as is only natural, there is even more incoherence on the part of the reactionaries. Showing a lamentably paternalist attitude, they want to tell the Angolan People what kind of government suits us. So many countries, repeating a slogan of imperialism, are insisting on pressuring world and national opinion on the formation of a coalition government in Angola. This is a further sign of their capitulation to imperialism. These countries, which take their orders from imperialism, think they have the right to come and tell the Angolan People the solution which best suits them themselves,



or rather which suits imperialism, when many of them are not capable of surviving in their own countries without transfusions from imperialism, because the governments are not wanted by their own peoples.

I wish to state here, before the esteemed delegates and guests, that we Angolans know what we want, and the African paternalists should resign themselves to cooperating with us, respecting our independence and our options. As regards the government, the regime in Angola, only our People can say what suits them.

As for the South Africans, who already know of our determination not to permit the occupation of our national territory by any foreign force, we hope that they will not hesitate to withdraw completely from our territory. We cannot tolerate any foreigner trying to maintain himself in our country by force. Whatever sacrifices may be required, our people will drive out any invader.

As for what they call their interests — the interests they claim to be defending — our people do not know what these are. We have a vast territory rich in resources in which there are foreign companies operating. It is possible that there is South African participation in these companies. We have to see if there is. It is possible that the Portuguese colonialists introduced such South African interests into our country. But to claim to be defending interests by violating borders, occupying national territory and ignoring the legitimate government of the country where the interests are said to be, these are the procedures of gangsters.

If there were avowable interests, it is certain that the racist minority, with its habitual shamelessness, would have no hesitation in addressing itself to the legitimate government of Angola.

The racists know that political power was not given to us by the Portuguese colonialists, their former allies. We had to wrest it at the cost of sacrifices. That is why we do not have in our possession any record of assets and liabilities resulting from commitments between colonialists and racists. All that the South Africans have to do is to withdraw from our territory and, with them, their puppets. They do not have to use interests as a pretext for occupying our land.

Similarly, and even before we had agreed on a ceasefire with the Portuguese colonial government, an African country, Zaire, sent in elements of its regular army to support the FNLA in its attempt to achieve hegemony in Angola.

Several significant defeats should by now have convinced them of the uselessness of its war. Without popular support, the Zairean regime fears the contagion of Angola's democratic orientation. But it wants easy outlets to the sea. It wants Angolan products to enrich its markets. Finally, it would like to transform Angola into a dependency of Zaire and subjugate the Angolan People to US imperialism.

Zaire has every interest in establishing relations of friendly cooperation with the government of the People's Republic of Angola. Our country would appreciate the establishment of normal relations with the neighbouring republic. But if this is to be, it is absolutely necessary that it withdraw from the war against our people. It is absolutely necessary that it does not try to interfere in our political life.

The Angolan and Zairean peoples could live together without war, so long as each is free to choose its own destiny and all relations are based on mutual respect.

Other neighbours need only respect the kind of life that our intend to establish in our country for there to be normal relations, such as we shall be formalising with the People's Republic of Congo within a few hours.

The principles enunciated are the basis of international relations which we respect.

Permit me, comrades, to emphasise another aspect of our national problem. As already stated, we receive fraternal aid from allied and friendly countries, from progressive organisations and even personalities throughout the world. Receiving or not receiving aid from other countries and establishing relations of cooperation with other countries or not is the prerogative of every sovereign state, and we, the People's Republic of Angola, in accordance with the situation we face, are having recourse to allies and friends to help us to solve our problems.



However, some countries which deem themselves masters of the world and of the destiny of men react to the decisions of an independent and sovereign country.

It is precisely those countries which assisted the colonialists during the first liberation war against Portuguese colonialism, which are invading our country, supplying arms to the puppets and recruiting mercenaries, which shows their desire to continue to dominate us by force. It is the governments of the United States of America, racist minority South Africa and certain countries of western Europe which are most active because of Angola's independence.

Their system of exploiting the peoples of other countries prevents them from understanding the need for all of them to be free.

Their opposition to the socialist camp, where the exploitation of man by man has ended, makes them tremble with fear at the thought that in Angola the independent People might also become an area which is inaccessible to the satisfaction of their excessive longing for profits, for easy wealth at the Angolan People's expense.

But we have a good experience of our relations with socialist countries. No ideological orientation was ever imposed on us. No compensation of a material nature was ever imposed on us for the help we receive. We have never seen them collaborating with our enemies. They have never tried to impose governments or solutions on us. They respect our people. And now the foundations are starting to be laid for cooperation at all levels, on the basis of the principles which guide international relations.

I avail myself of this opportunity, on behalf of the Angolan people, to thank the socialist countries which have given proof of unlimited internationalist solidarity.

We thank the Soviet Union, we thank Yugoslavia, we thank Cuba, Bulgaria, the German Democratic Republic, Romania, Poland, Hungary, Czechoslovakia, Korea, Vietnam and Mongolia. We thank them for the moral, political, military and technical help they have disinterestedly given us for winning our complete independence, for defending our territorial integrity and reconstructing our country.

We only regret that one socialist country still finds itself in the same trench as the enemy, in unnatural association with South Africans, Americans and their puppets.

Of course, we extend our thanks to the African countries and the support and solidarity organizations which support our People's just struggle.

We express our most profound gratitude to the various support committees in Italy, Holland, Portugal, Sweden and other countries Republic of Angola. It is the expression of the People's will daily manifested by the entire population, even in the areas still occupied by the enemy. This legitimacy makes the PRA a member of the OAU by right, and in a space of time it will of necessity be admitted into the world body — the UN.

It is high time that the world should know the true feelings of our People about a certain deliberate confusion caused by some international circles.

There exists in Angola a single leading political organization — the MPLA. There exists only one organized government which exercises power in accordance with the People's will. For our people, the puppets who have sold out to the imperialists and racist minority cannot in any sense continue to be regarded as «liberation movements».

International organisations need only look at the facts and stop creating ambiguities in relation to our country.

The OAU certainly cannot fail to take a correct attitude at the opportune moment, which would mean withdrawing recognition from the organisations which have no expression in the country and serve imperialist and minority racist South African interests. The OAU will have to take into consideration the will of the Angolan People and the reality of the facts.

At the opportune time, the UN will take a similiar attitude.

Therefore, comrade delegates and guests, this conference cannot fail to decide accordingly.



International solidarity will continue to be shown for our country and people. Of this we are certain.

International solidarity will also be one of the principles to be laid down for our foreign policy. The Angolan People will not forget their internationalist duty.

We support unreservedly the peoples of Africa who are fighting for independence against the racist minority, zionism and other forms of domination.

We shall be unsparing in our efforts to support the struggle of our comrades in Namibia, whose territory is occupied by the South African racists. We shall give support to the just cause of the millions of South Africans, victims of the discrimination and oppression of the white minority. We shall support the brother People of Zimbabwe, the Arab People of Palestine and the desire of the people of the Western Sahara and other parts of Africa for freedom.

We shall always be at the side of the Latin American peoples, particularly the Chilean People.

We express our solidarity with the people of Korea who are longing to reunify their country, with the Democratic People's Republic of East Timor, and we hail the People of Laos for creating a Democratic Republic.

We are in solidarity with the black people of the United States of America, victims of racial discrimination and exploitation.

The PRA regards it as important to support the just struggle of all African peoples who are oppressed or exploited.

Comrades,

We have no doubts as to the nature of the decisions you are going to take, given the honourable tradition of solidarity that AAPSO has. Your decisions will stem from the theme proposed for this conference.

The decisions will be followed by action by each organization, each in its zone of work.

We have tried to present to you some aspects of our concrete reality, so as to provide factors making it possible for the irreversible victory already, won to be consolidated and to completely transform Angola into a zone of progress for our continent.

On 4 February, the day when we celebrate the 15th anniversary of the start of our armed struggle, our people will be honoured by your decisions.

For the independence of Africa and Asia.

For the strengthening of Afro-Asian Solidarity.

THE STRUGGLE CONTINUES!

VICTORY IS CERTAIN!

Luanda, 2 February 1976.



# CONGRESSO DA OSPAA



2  
a  
4

FEVEREIRO DE 1976

2647  
FB-04  
07